



YANOMAMI = SITUAÇÃO ATUAL DE CONTATO

INTRODUÇÃO

De dezembro de 1980 a março de 1981 realizamos o levantamento dos grupos Yanomami, que habitam o Território de Roraima e Estado do Amazonas.

Esse trabalho foi possível graças ao apoio financeiro da International Workgroup for Indigenous Affairs (IWGIA) e da cooperação da FUNAI, principalmente das 1^a e 10^a delegacias e missões religiosas estabelecidas na área.

Um quadro constante observado é a tendência ao deslocamento dos grupos Yanomami, atraídos em direção aos núcleos constituídos pelos povoados, cidades e garimpos e a sua conseqüente desagregação e aceleração do contato, ocorrido, na generalidade dos casos, de forma desordenada e com assistência médica deficiente.

Na Serra das Surucucus a FUNAI não implantou ainda qualquer serviço sistemático de vacinação e de controle epidêmico. As medidas mais urgentes seriam aquelas de dar apoio consistente à Delegacia, para a criação de uma infra-estrutura sanitária adequada.

A Serra das Surucucus e Couto de Magalhães, onde se concentram cerca de 4.500 Yanomami, podem rapidamente transformar-se em áreas críticas, onde um grave desastre sob forma de contaminação virótica, significará a morte rápida para milhares de índios. É principalmente para essas regiões que se orientam os interesses mineradores e de garimpagem.

No Estado do Amazonas não foi dada solução para a grave situação de tuberculose entre os Yanomami.

Outro fato que causa apreensão é o não reconhecimento como território indígena de extensa área no Estado do Amazonas, onde vive numerosa população Yanomami.

A criação de um Parque Indígena englobando, em área contínua, a população Yanomami, como proposto pela Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY) em 1979, certamente evitará a ameaça iminente que pesa sobre 11.000 índios.

A situação de saúde requer a coordenação de uma assistência sanitária adequada para toda a população.

O CONTATO COM A POPULAÇÃO REGIONAL
NO TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA E NO ESTADO DO AMAZONAS

Os Yanomami ocupam uma área mínima de 6 milhões, 446 mil e 200 hectares de terra. Sua população é de aproximadamente 8 mil em Roraima e 2 mil e 500 no Estado do Amazonas. O número de malocas está calculado em cerca de 192 (FUNAI: 1980).

Há regiões com grandes concentrações de malocas, geralmente cônicas, com uma população média de 60 indivíduos. No caso da Serra das Surucucus, área de maior concentração Yanomami, temos conhecimento de 16 grupos locais, com aproximadamente 74 malocas (FUNAI: 1980). Há ainda áreas onde prevalecem as grandes malocas circulares, conhecidas como xabono, com populações atingindo até 300 índios.

As aldeias mais próximas mantêm entre si relações sociais e rituais frequentes, formando conjuntos de grupos locais ligados por interação constante que implica em direitos e obrigações mútuos. (Lizot: 1971).

As relações entre aldeias envolvem prestações mútuas de serviços, troca de bens, intercâmbio matrimônias, alianças políticas e participação cerimonial e religiosa. Da movimentação entre aldeias ou conjuntos de aldeias depende, portanto, a dinâmica e o equilíbrio da vida econômica e social das comunidades Yanomami. Essa movimentação envolve frequentemente contatos intensos e prolongados entre aldeias que distam de um a cinco ou mais de viagem a pé pela floresta ou, mais raramente, de canoa (FUNAI: 1980).

Os índios utilizam ao redor da habitação, uma área média de 900m² por pessoa, para abrir roças (Lizot: 1977). Além disso, uma área concêntrica, consideravelmente mais extensa, cujo raio é de aproximadamente 15Km, o equivalente a três horas e meia de caminhada, a partir da aldeia (Lizot: 1977), é usada para a obtenção de recursos igualmente indispensáveis à dieta Yanomami, mas de distribuição esparsa e/ou aleatória. O território indígena está ocupado de modo a manter a economia e coesão sócio-cultural dos grupos, como descrito na Proposta de Criação de um Parque Indígena para os Yanomami (CCPY: 1979) e em 1980, por um grupo de trabalho da FUNAI.

Nas proximidades dos postos e missões a assistência dada aos silvícolas é, via de regra, boa.

A situação entretanto, varia de local para local. Nas áreas mais afastadas, o conhecimento dos grupos locais é mínimo ou mesmo inexistente e, conseqüentemente essas populações são carentes de assistência sanitária.

Em parte esse desconhecimento dos grupos indígenas é consequência da dificuldade de acesso às aldeias, que ou estão localizados em terreno acidentado ou não podem ser atingidas facilmente por via fluvial.

Nessas condições estão boa parte da Serra das Surucucus, do rio Aracaça, certas áreas do rio Apiaú, em Roraima. Situações similares são encontradas no Amazonas, nos vales dos rios Deminí e Paduarí. Há, entretanto, outras áreas de acesso relativamente fácil, onde a cobertura sanitária já poderia ter sido iniciada de maneira mais sistemática, como no médio rio Mucajá, no rio Uraricaá, no baixo rio Marauá, no rio Iá, no rio Maiá e no baixo rio Catrimani.

No Estado do Amazonas a situação é particularmente preocupante. As áreas dos vales dos rios Marari, Marauá e Maiá não foram ainda reconhecidas pela FUNAI como áreas indígenas. A população Yanomami dessa região é estimada em 1500 índios.

Em 1974/1975, praticamente na mesma época da construção parcial da Perimetral Norte, em Roraima, foi desmatado trecho para a mesma estrada no Estado do Amazonas. Não temos dados referentes às conseqüências. Sabemos entretanto, que o desmatamento alcança o rio Maiá, área tradicional Yanomami.

RORAIMA

URARICAÁ

A área indígena Uraricaá encontra-se dentro da Reserva Florestal do Parima. Nela residem 196 Yanomami (FUNAI: 06/04/80) vivendo em nove aldeias ao longo do rio Uraricaá e seus afluentes, o Coimin e o rio Surubai.

Atraídos atualmente pelo garimpo de Santa Rosa, vários grupos locais deslocaram-se em direção ao baixo rio Uraricaã. A CODESAIMA' (Companhia de Desenvolvimento de Roraima) apropriou 20.000 ha para o garimpo na área do Furo de Santa Rosa que se situa entre a ' área indígena e a estação ecológica da Ilha de Maracá.

Em consequência da invasão de milhares de garimpeiros em Boas Novas, houve um aumento considerável de malária na região, tendo-se registrado, inclusive, alguns casos de morte. Tomamos conhecimento, ainda, de um surto de catapora, cuja origem nos é desconhecida.

A pista de Boas Novas no fim do ano foi interditada pela FUNAI, ' sem impedir, entretanto, o acesso dos garimpeiros que sobem o rio Uraricaã que é de difícil controle. A 10^a DR solicitou a Brasília a abertura de um posto de controle em Boas Novas. Ainda assim, a ' abertura desse posto dificilmente poderá, por si só, controlar a entrada dos garimpeiros.

PERIMETRAL NORTE

Ao longo da estrada Perimetral Norte (BR-211), na área do vale do ' rio Ajarani, há uma população estimada em 70 índios. Dois terços ' vivem espalhados em pequenos grupos nas proximidades da estrada, ' atraídos por duas serrarias, por colonos e pela cidade de Caracarái, fora da área interditada pela FUNAI. Há um plano de desenvolvimento agrícola da CODESAIMA, o Projeto Apiaú, que atingirá praticamente todos os índios da região.

MÉDIO RIO MUCAJAÍ

Há uma aldeia de 45 Yanomami nas proximidades da Cachoeira da Lata no rio Mucajaí, também na área pretendida pelo Projeto Apiaú.

Há um novo centro urbano, o de Alto Alegre, em construção nas proximidades do Projeto Apiaú, que sem dúvida servirá de ponto de ' atração aos Yanomami que habitam a região do meio Mucajaí e que ' hoje não são ainda assistidos.

Em dezembro de 1980 uma jovem Yanomami de 14 anos procedente dessa área morreu vitimada de tuberculose no hospital de Boa Vista. Ela ' foi encontrada participando de uma festa na área do Ajarani e encaminhada pelo chefe de posto do Ajarani para a cidade.

Na última década registraram-se inúmeros casos de tuberculose na área do médio Mucajaí. O contato dos índios com a população envolvente de pequenos fazendeiros é inevitável.

Dados dessa natureza foram já relatados pela Comissão pela Criação do Parque Yanomami em 1979, com descrição da situação dos índios que vivem ao redor da Missão da MEVA.

SURUCUCUS

A área mais densamente habitada da região Yanomami é a Serra das Surucucus. Estima-se 4.500 índios (Taylor: 1979), boa parte deles praticamente sem contato e conseqüentemente, sem imunização contra agentes etiológicos epidêmicos.

Temos conhecimento de pesquisas geológicas sendo realizadas atualmente pela DOCEGEO na área. Em 1980 dois alvarás foram concedidos para um período de três anos, para exploração de titanium na Serra de Couto de Magalhães.

A Portaria Interministerial 006 facilitou a entrada de companhias estatais de mineração na região para a exploração de minérios. A exploração acarretará, ainda, a construção de pistas e eventualmente de estradas. Apesar de haver uma unidade de saúde em construção nas Surucucus e estar planejada a abertura de dois novos postos indígenas na área e outro na Couto de Magalhães, não se deve esquecer que a região das duas serras abriga uma população totalmente despreparada para o contato. É grande o risco de dizimação de Yanomami, no caso de uma epidemia virótica na área.

No mês de junho último, durante a visita do Ministro de Minas e Energia, houve novamente uma forte pressão por parte dos políticos locais e dos garimpeiros para a reabertura do garimpo nas Surucucus. É sabido além disso, que no começo do ano houve várias tentativas de penetração na área, através de uma antiga pista de missão MEVA, no rio Uraricoera denominada pista Waicã.

De uma população de 4.500 índios, apenas aproximadamente 300 foram até hoje vacinados contra sarampo, o que representa menos de 10% da população.

Neste mês de julho, a imprensa noticiou novo surto de sarampo nas proximidades das Surucucus com a ocorrência de diversos óbitos.

AMAZONAS

IÁ

Nas proximidades da BR-307, na estrada que ligará a cidade de São Gabriel da Cachoeira a Cucuí, encontra-se o aldeamento de Nazaré, na beira do igarapé IÁ, com cerca de 40 índios Yanomami. Esses índios vivem fora da área tradicional indígena. Em 1976, em consequência de uma briga entre os índios e os missionários, este pequeno grupo, atraído pela proximidade da estrada BR-307, atualmente em construção, e de um destacamento do BEC, e de São Gabriel da Cachoeira, instalou-se nesse sítio. Esses índios estão recebendo, esporadicamente, atendimento de saúde da ajudância de São Gabriel da Cachoeira, que se instalou na área em 1978. As condições de atendimento são precárias.

MATURACÁ

Na missão Salesiana de Maturacá há duas aldeias, uma delas com 284 índios, que vivem em casas unifamiliares, tendo a aldeia o aspecto de uma vila de regionais. A outra aldeia, nas proximidades da missão denominada Ariabú, tem uma população de 228 Yanomami, vivendo igualmente em casas separadas, mas mantendo ainda a tradicional disposição em círculo. Ainda que a maioria dos índios mais velhos continuem praticando o xamanismo, alguns deles e uma grande parte dos novos frequentam a missa dominical. O chefe da aldeia do Maturacá é um jovem Yanomami, educado em internato.

A incidência de tuberculose na área é elevadíssima.

O padre que atua no Maturacá relatou que alguns pacientes encaminhados a São Gabriel da Cachoeira voltaram com diagnóstico confirmado e medicamentos para poucos dias. Entretanto, nem mesmo durante esses poucos dias os índios tomaram os remédios, pois não vinham procurá-los na Missão. O diretor do hospital de São Gabriel da Cachoeira, com receio de transmissão da doença para outros pacientes, recusa-se terminantemente a internar os doentes afetados de tuberculose.

Não há fichas de atendimento de saúde e não há registros de vacinações na missão.

Tomamos conhecimento do fato de que, em novembro último, três indivíduos apresentaram-se na missão para garimpar em suas proximidades. Esse acontecimento foi comunicado a FUNAI, em Manaus. A área indígena do Maturaca foi englobada pelo Parque Nacional do Pico da Neblina, criado por portaria em 1979. O código Florestal que regula as atividades dos Parques Nacionais, proíbe toda atividade de extrativismo, mas por outro lado, também a caça, pesca, coleta e agricultura.

"Temos a ponderar que a implantação de parques nacionais e reservas biológicas (IBDF) e reservas ecológicas (SEMA), em terras habitadas imemorialmente pelos povos indígenas, cria problema de difícil solução no aquadro da legislação atual" (Os Índios perante o Direito: Ciência e Cultura, 33(2), fevereiro de 1981).

MAIÁ

Há ainda outra aldeia no Parque Nacional, no rio Maiá, com uma população de 219 índios. Contatados por missionários, vivem atualmente isolados. Em 1972, o sertanista Mário Cravo levantou uma população de 400 índios. Em 1975 a malária dizimou cerca de 100 índios e em 1978 morreram outros 50, por envenenamento causado por uma fruta silvestre, conhecida por eles como Wapú. Uma expedição da FAB encontrou os sobreviventes sofrendo de desnutrição, malária e tuberculose, de acordo com informação prestada pelo padre Casimiro Beksta.

MARAUÍÁ

No baixo rio Marauíá vive a comunidade Yanomami do Apuí, com 56 índios. Atraídos pela cidade de Tapuruquara, deslocaram-se para suas proximidades. Há atualmente uma estrada ligando a área do rio Maruiá e Tapuruquara, o que facilita, evidentemente, a comercialização.

Os índios vendem cipó, sorva, e cestaria na cidade.

As terras ocupadas pelos indígenas são invadidas anualmente por seringueiros e regatões que sobem o rio Marauíá. A incidência de malária entre os seringueiros é grande e a transmissão aos índios é facilitada pelo livre trânsito de indivíduos da região na aldeia. Os Yanomami do Apuí foram vacinados contra sarampo, em 1981

por um enfermeiro da FUNAI que na ocasião de nossa visita na área acompanhou o grupo por determinação da FUNAI.

A contaminação de tuberculose é igual à existente em outras áreas do Amazonas, descritas acima.

Nessa mesma ocasião um índio com suspeita de tuberculose ganglionar foi levado para Tapuruquara. O menino foi deixado aos cuidados do hospital da missão, para ser conduzido a São Gabriel da Cachoeira, para os exames necessários.

Os Yanomami que vivem ao longo do médio rio Marauíá estão aparentemente ainda bastante isolados, apesar de passar, a 15 km da missão Marauíá, o traçado da BR-221, Perimetral Norte. A área não foi ainda reconhecida como indígena pela FUNAI. Nos últimos anos ocorreram conflitos com seringueiros na área e grupos locais da região frequentam Tapuruquara.

De setembro a novembro de 1980 três indivíduos entraram na área e apresentaram-se aos missionários do Marauíá como sendo credenciados pela FUNAI para fazer pesquisas de minérios.

Sabe-se, não obstante, que eles garimpavam ao longo do médio rio Marauíá e do rio Puquimabú afluente do rio Marauíá. Por ocasião de sua saída, prometeram voltar de helicóptero, com espingardas e munição para dar aos índios em troca de mão de obra e da descoberta de um filão de ouro na região.

Os missionários do médio rio Marauíá têm contato intermitente com cerca de 370 Yanomami. Em março de 1981 cem índios foram vacinados contra sarampo, a pedido da missão. Não há registro de vacinação anterior na região. A missão foi aberta em 1968, com a chegada de Pe. Antonio Gois, missionário Salesiano, morto em 1976. A missão ficou abandonada durante dois anos, tendo sido reaberta em 1978, pelos irmãos padres Laudato. O grupo local Yanomami dos Xamawéteri, uma população de 153 (1980) Yanomami, residem na vizinhança da missão.

Atualmente, mais três grupos locais, que vivem no rio Puquimabú e na Serra do Imeri, frequentam a missão.

MARARI

Na Serra do Tapirapeco, no alto do rio Mararí, afluente do rio Paduarí (AM), vive o grupo local dos Abrueteri, com uma população de 274 Yanomami. Em 1966, missionários das Novas Tribos do Brasil

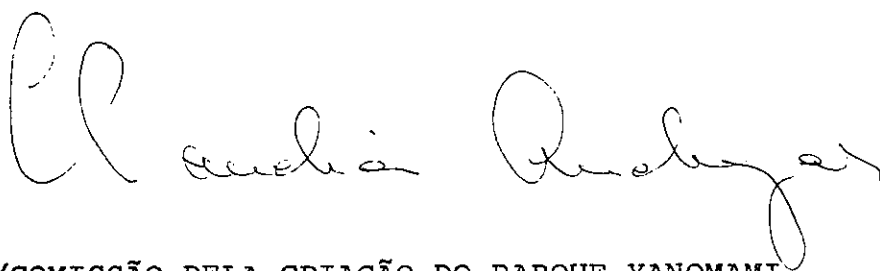
encontraram 150 índios no local e instalaram uma missão. Os Yanomami vivem em um grande xabono circular, igual ao utilizado pelos índios da área do Marauiã e Toototobi, Mararí. A totalidade dos índios do Mararí vive nessa grande aldeia circular, tradicional e parecem manter ainda um certo isolamento, quebrado apenas pelo contato esporádico com a população regional. Eles se empregam periodicamente, há pelo menos 15 anos, em grupos de 10 a 15 índios, na extração de piaçaba, nas proximidades da Cachoeira da Aliança, no rio Paëuirí onde está localizado um povoado de 100 habitantes.

Vendem sua mão de obra em troca de farinha, redes, panelas, terços e armas de fogo. Chegam a trabalhar até seis meses para ganhar uma espingarda. Temos conhecimento de que os índios têm acessos a cachaça em Cachoeira da Aliança.

No passado houve um surto de hepatite entre os Yanomami da missão do Mararí (Abrueteri), o que causou várias vítimas. O contágio, neste caso, veio pelos habitantes da região. A missão do Mararí tem conhecimento de duas expedições belicosas dos Abrueteri, uma em 1970 e outra em 1979. A introdução de armas de fogo e a sua superioridade em relação às armas convencionais, foram certamente as responsáveis pelo grande número de mortos, estimado em 35, no ataque feito pelos Abrueteri, em 1979, contra o grupo Yanomami Akiaubeteri, da Venezuela.

A vacinação contra o sarampo foi atualizada em janeiro de 1981, por iniciativa e a pedido dos missionários das Novas Tribos do Brasil. Uma primeira vacinação foi realizada em 1974 conforme documento de março de 1978 das Novas Tribos.

Se prevalecerem as condições atuais, a desagregação dos grupos Yanomami se intensificará, com todas as desastrosas consequências advindas de contatos desordenados e falta de assistência médica.



P/COMISSÃO PELA CRIAÇÃO DO PARQUE YANOMAMI

São Paulo, 13 de julho de 1981.